

EDITORIAL

A alegria de mais uma edição de Comunicação & Educação entregue aos leitores faz com que nossos 30 anos de existência apontem para um futuro ainda de muitas contribuições ao campo crítico e reflexivo da Comunicação e Educação. Em tempos de tanta confusão política e ideológica, reafirmar o compromisso com a educação e a formação de qualidade, voltadas para o ser humano, sobretudo, para o jovem e a infância, é tarefa ainda mais relevante.

Os mercadores de soluções rápidas, digitais e deslumbrantes que vendem e implantam programas na educação pública pululam às centenas. Levam os recursos públicos, azeitam suas empresas, e a educação fica aos escombros de escolas desestruturadas, de profissionais da educação e professores com contratos cada vez mais precários; para além de temporários, são contratos por tarefas. As crianças e jovens são tratados como usuários ou gamers, sendo treinados para aplicar os dispositivos que prometem entregas de impacto para os scores já programados.

Esse treinamento atualizado com ferramentas digitais sempre foi o pensado e o programado para as camadas populares. Treinar para o trabalho. Mas não para o trabalho como capacidade e habilidade de empenho das condições perceptivas e críticas, avaliativas. Trabalho como reprodução, como fragmento de atividade desconhecida e improvável de ser recuperada.

Diversos estados do Brasil adotaram, via seus executivos mercadores, programas e projetos dessa natureza. A reforma do ensino sempre pode ser para pior. A sociedade civil assim denominada, em realidade, é composta por organizações de interesses bem determinados, geralmente vinculados às chamadas instituições filantrópicas de grupos poderosos. A educação pública vai se esvaindo em sua autodeterminação e possibilidade de garantir ensino de qualidade aos moldes de uma formação completa e humanística. As verbas continuam, embora não suficientes, endereçadas cada vez mais a grupos que se apoderam das escolas, dos currículos e entregam scores.

Este número de Comunicação & Educação traz artigos bastante relevantes para pensarmos esse contexto, a juventude, as mídias digitais e a educação. Traz a lucidez do poeta Sérgio Vaz: “As pessoas estão pensando que vão mudar o mundo no virtual. Se estão pensando isso, quem deve estar errado somos nós.” Essa reflexão redobra a nossa responsabilidade em continuar tentando acertar, continuar persistindo nos valores civilizatórios e humanísticos que podem transformar a vida das pessoas. Mas, talvez, tenhamos de falar mais de perto com as pessoas, sair das bolhas e voltar a nos olharmos nos olhos.

Boa leitura,

Os editores